

## **O CASO DO TALHADO DO MONTE DE SÃO SEBASTIÃO: UM GRUPO REMANESCENTE DE QUILOMBO NÃO CERTIFICADO**

Eulália Bezerra Araújo<sup>1</sup>

(Programa de Pós-graduação em Sociologia – UFPB)

### **Introdução: Formação do grupo de descendentes da Serra do Talhado no Monte São Sebastião**

O Monte de São Sebastião é uma extensão territorial localizada no setor norte da cidade de Santa Luzia – PB – para a divisão organizacional do território da cidade. A referida área faz parte do que compõe hoje o Bairro São Sebastião<sup>2</sup>. Morar nesse bairro significa morar do outro lado da cidade, porque ele está situado de um lado da BR 230, oposto ao centro da cidade de Santa Luzia. Isso dificulta o acesso aos serviços de saúde, de educação e de assistência social. Em referência à infraestrutura, algumas ruas são pavimentadas, enquanto outras ainda se encontram sem calçamento. O bairro dispõe de um posto de saúde que está em reforma, uma creche e uma escola primária; há água encanada, luz elétrica, coleta de lixo e saneamento básico. Porém, como ocorre em toda a cidade de Santa Luzia, a contaminação dos dois açudes, que cingem e abastecem a cidade, gera a necessidade de se comprar água potável ou para os que possuem cisterna prover-se da água de chuva.

Nesse bairro, existem moradores vindos de localidades diversas, como, por exemplo, da Serra do Talhado<sup>3</sup>, de Pitombeira<sup>4</sup> e de outros sítios da região. Entre eles, identificam-se 102 (cento e dois) núcleos residenciais de pessoas originárias da Serra do Talhado. Esse número é ilustrativo, porque a atual disposição das residências pode ser alterada, seja por um divórcio, por um novo casamento, pela vinda ou pela saída de um parente.

A partir das pessoas que “desceram” da Serra do Talhado e “subiram” o Monte de São Sebastião para instalar residência, estabeleceu-se, nesse bairro, um grupo que compartilha o sentimento de pertencer ao Talhado. Inicialmente, esse grupo se formou

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Mesmo sendo, de acordo com a Lei Municipal nº 478/2008, denominado oficialmente de Bairro São Sebastião, é constantemente referenciado como Monte São Sebastião ou, simplesmente, Monte. Ainda de acordo com a Lei supracitada, o Bairro São Sebastião tem os seguintes limites: “Partindo da foz da sangria do açude Padre Ibiapina, no Rio Quipauá, seguindo pelo mesmo até o final do perímetro urbano até confrontar com o Riacho das Marias Pretas, seguindo por este, até a BR 230, por esta, até o Bueiro do Córrego Baixo Monte, seguindo o referido Córrego até à margem do Açude Padre Ibiapina, até confrontar com a Rua Bartolomeu Medeiros, contornando o Açude Padre Ibiapina, até a foz da sangria do mesmo”.

<sup>3</sup> A Serra do Talhado, ou, simplesmente, ‘Talhado’, está a 26 km de distância da zona urbana do município de Santa Luzia. A Serra do Talhado foi a primeira comunidade remanescente de quilombo na Paraíba a ser certificada pela Fundação Cultural Palmares, cuja Certidão foi lavrada e extraída em 16 de abril de 2005 pela presidente da Fundação Cultural Palmares.

<sup>4</sup> A Pitombeira localiza-se na zona rural de Várzea – cidade vizinha a Santa Luzia. Sua Certidão, enquanto remanescente de quilombo, foi lavrada e extraída em 12 de maio de 2005 pela presidente da Fundação Cultural Palmares.

devido aos processos sociais que impulsionaram a saída da Serra do Talhado. Nos discursos daqueles que saíram de lá, os principais motivos para a saída são: a irregularidade das chuvas, que não garante a colheita, o problema de transporte, decorrente do difícil acesso, o que dificulta a locomoção em caso de doenças, a busca por trabalho, visto que a escassez de terra impede o trabalho na agricultura, e a constante esperança de melhorar a vida na cidade.

O movimento para fora da Serra do Talhado em direção à área urbana de Santa Luzia vem se intensificando desde os anos 1980, de modo que se estima uma população de mais de mil pessoas do Talhado residindo nos bairros da cidade. Ao analisar esse movimento, Santos (1998) utiliza o termo reterritorialização para especificar o fato de que, ao sair da Serra do Talhado, a população passa a residir, preferencialmente, sempre nos mesmos bairros. Na época de sua pesquisa, apresenta os Bairros São José e São Sebastião como os locais mais procurados.

Nesse sentido, vemos que a reterritorialização implica na busca de residência na mesma área. Esta seria uma forma de proteger as famílias que em grupo se sentem mais seguras. A moradia próxima proporciona a mesma solidariedade que o grupo certamente tinha na zona rural, talvez, pela proximidade entre as moradias, o que não acontecia na zona rural por ficarem espalhados em sítios. (SANTOS, 1998, p. 117)

O processo de saída da Serra do Talhado, que ocorre em direção à área urbana de Santa Luzia, vem repercutindo na população do Talhado e entre os santa-luzienses. Os Bairros de São José, São Sebastião, Nossa Senhora de Fátima e Frei Damião comportam a maioria da população que deixou o Talhado e veio estabelecer-se no perímetro urbano. Esse movimento produziu novos grupos em ambientes externos ao Talhado.

A maioria dos moradores do Bairro São Sebastião, que se reconhecem como pertencentes a Serra do Talhado, reside em casas provenientes de campanhas públicas, construídas com cinco cômodos – sala, dois quartos, banheiro e cozinha – ou nos chamados embriões, que também são casas populares só que com três cômodos – sala, banheiro e cozinha – ou, ainda, em casas de taipa.

Assim como na Serra do Talhado, esse grupo que reside no Bairro São Sebastião compartilha histórias de vida e desenvolve práticas que preservam a unidade busca mecanismos para manutenção e reprodução social.

A falta de instrução e o baixo grau de escolarização tendem a reproduzir ocupações com baixa remuneração, no mercado informal, o que resulta na perda dos direitos trabalhistas, como salário mínimo, décimo terceiro, férias e aposentadoria. Os trabalhos disponíveis fora da Serra do Talhado são os oferecidos nas pedreiras e nas cerâmicas, algumas ocupações no comércio da cidade, como em frigoríficos e em mercadinhos, como serventes na construção civil, ou ainda, para os que possuem moto “rodar na praça” como moto-taxi. Vale ressaltar que essas são ocupações masculinas.

Uma característica desse universo é de que cabe ao homem ser o provedor do lar. No mundo do trabalho, compartilham a máxima popular de que “*O trabalho dignifica o homem*”, de modo que o homem que muito trabalha é um homem digno, um homem

bom; e quanto mais pesada for a ocupação de um homem, mais ele é classificado como um sujeito trabalhador. Certamente as mulheres também trabalham e ajudam a manter a casa, porém, não são a pedreira e a cerâmica um serviço considerado adequado para o sexo feminino, razão por que as mulheres se ocupam com os afazeres das próprias casas e podem trabalhar como domésticas em casa de família, como vendedoras em lojas ou seguir a tradição da Serra do Talhado no fabrico de louça de barro.

No Bairro São Sebastião, existem mulheres com a arte de fabricar louça de barro. Algumas delas trabalham no Galpão das Louceiras, localizado no Bairro São José, produzindo peças de barro para serem comercializadas. A fabricação da louça é feita de forma manual, seguindo a técnica tradicional que aprenderam com suas mães e avós na Serra do Talhado. Na época de sua pesquisa, Cavalcanti (1975) apresenta o fabrico da louça de barro como um mecanismo de impedimento da migração, pois, nos períodos de seca, a venda da louça mantinha o sustento da família. Isso demonstra “a importância da mulher para o estabelecimento e a continuidade do grupo” (CAVALCANTI, 1975, 30). Atualmente, o fabrico da louça continua sendo um elemento importante para a sobrevivência de algumas mulheres e suas famílias no ambiente da cidade.

Em contraponto ao serviço artesanal das mulheres, existem homens que tocam sanfona e/ou zabumba e/ou triângulo, instrumentos típicos dos trios de forró. Essas duas artes, além de serem mecanismos de obtenção de renda, são elementos que caracterizam as pessoas do Talhado, isto é, tanto a louça quando os músicos são atividades utilizadas para se falar e se pensar sobre a comunidade do Talhado.

Tomando como parâmetro teórico a discussão realizada por Fredrik Barth, em “Os grupos étnicos e suas fronteiras” (1969/2000), Barth alerta para a importância de se entender “que, apesar de as categorias étnicas levarem em conta diferenças culturais, não podemos pressupor qualquer relação de correspondência simples entre as unidades étnicas e as semelhanças e diferenças culturais. As características a serem efetivamente levadas em conta não correspondem ao somatório das diferenças ‘objetivas’; são apenas aquelas que os próprios atores consideram significativas” (BARTH, 1960/2000, p. 32). Isto é, diante do arsenal cultural, as características elencadas por um grupo para demarcar as fronteiras e para demonstrar as diferenças entre os de dentro e os de fora passam por aquilo que eles consideram importante, e não, necessariamente, pelas diferenças efetivas. O mesmo ocorre com as características que os externos ao grupo elencam para especificá-lo.

Para o objetivo deste artigo, o sentimento de pertencimento à Serra do Talhado é o elemento que aglutina o grupo e demarca as fronteiras étnicas entre os que se reconhecem como ‘do Talhado’ e os que são vistos como externos ao grupo. “Ser do Talhado” significa participar de uma rede de parentes que ultrapassa os limites geográficos, de modo que aquele que pertence a esse lugar será sempre reconhecido pelos seus semelhantes como do Talhado, independentemente de onde esteja morando. Assim, no decorrer deste artigo, ao denominar uma pessoa como ‘do Talhado’, estaremos classificando-a como alguém que se reconhece como originário da Serra do Talhado.

### **O pertencer à Serra do Talhado**

No Bairro São Sebastião, há famílias que se constituíram já no contexto desse bairro. Na geração dos mais novos, existem pessoas que nunca moraram na Serra do

Talhado ou que, no máximo, visitam-no esporadicamente, mas, mesmo assim, compartilham o sentimento de pertença a esse lugar.

Para demonstrar o pertencimento, é frequente, entre os da nova geração, a afirmação: “Eu não nasci lá, no Talhado, mas eu sou *descendente do Talhado*, porque meu pai e minha mãe nasceram lá e viveram por muito tempo lá”. Desse modo, a ligação com a Serra do Talhado é explicada a partir dos laços de parentesco.

A terminologia “descendente do Talhado” permite definir o grupo que reside no Bairro São Sebastião e compartilha o sentimento de pertencimento à Serra do Talhado. Como define Weber, em “Relações comunitárias étnicas” (1922), um grupo étnico é identificado “em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes” ou “em virtude de lembranças de colonização e migração”, nutrindo a crença de que há, entre seus membros, uma origem comum (WEBER, 2004, p. 270). O sentimento de pertencer a um grupo é o elemento que impulsiona o desenvolvimento das relações comunitárias e a construção da identidade étnica.

Então, percebe-se que a identidade étnica desse grupo é construída com base nos laços de parentesco, mesmo que não enunciado de forma sistemática, e os moradores do Bairro São Sebastião, que se reconhecem e são reconhecidos como do Talhado, fazem parte de uma linha de descendência. Isso significa que, para esse grupo, é do Talhado aquele que compartilha a ancestralidade de Zé Bento e Cecília<sup>5</sup>.

Zé Bento casou-se com Cecília e teve 13 filhos, nove mulheres e quatro homens. Os filhos desse casal, do qual temos informações, casaram-se com pessoas vindas, principalmente, da região do Brejo. A geração seguinte, composta pelos netos de Zé Bento, casou entre si, o que significa que predominaram os casamentos entre primos; nas gerações seguintes e atuais, constituídas de bisnetos, trinets, tataranets, quinto e sexto netos, o casamento para dentro do grupo manteve-se como regra.

É recorrente a afirmativa de que todos do Talhado pertencem a uma mesma família, e a regra de casamento dentro do grupo resulta em novas combinações de grau de parentesco, isto é, uma mulher pode ser prima de sua sobrinha. Então, é difícil de descrever a ligação entre parentes, pois, como nomear a prima de uma bisavó?

Essas dificuldades são sanadas com a utilização de termos privilegiados: tios/tias e primos/primas. Dessa forma, os mais velhos são tios, e todos os parentes são reconhecidos como primos.

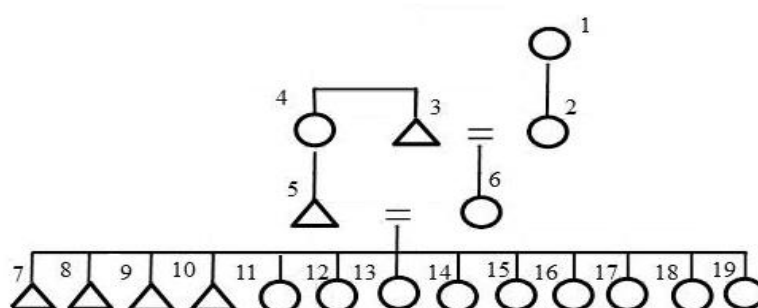
Ao visualizar o digrama de parentesco dos descendentes do Talhado, percebemos o porquê das expressões: “é tudo de um tacho só”; “as pessoas do Talhado são de uma mesma panela”; ou seja, de uma mesma família. Mesmo que, atualmente, descrever as ligações de parentesco entre os descendentes de Zé Bento seja uma tarefa complicada e minuciosa, o “pensar da mesma família” é um elemento aglutinador e importante na autodefinição do grupo. A designação como primos e tios é a demonstração de se reconhecer o outro como membro do grupo e, assim, pertencente à família. A lembrança do fundador da comunidade é mantida na ideia de que todos são de um grupo só,

---

<sup>5</sup> Zé Bento e Cecília são reconhecidos como os primeiros moradores da Serra do Talhado, e como ancestrais do grupo, ser descendente desse casal é ter a origem atrelada às terras do Talhado. Para uma introdução sobre a história da Serra do Talhado, assistir ao Documentário Aruanda de Linduarte Noronha.

descendente de um negro que chegou com sua esposa e habitou a Serra do Talhado – o Zé Bento.

**Figura1:** Diagrama de Parentesco de ascendência e descendência de Zé Bento e Cecília



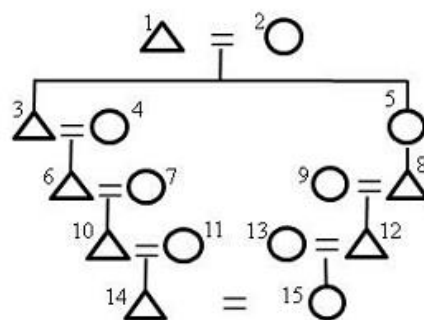
- |                                   |                                   |
|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 1. Cota da Caiçara                | 11. Maria José da Conceição       |
| 2. Cândida Gomes                  | 12. Paulina Maria da Conceição    |
| 3. Joaquim Carneiro               | 13. Mariana Maria da Conceição    |
| 4. Prudência                      | 14. Cândida Maria da Conceição    |
| 5. José Bento Carneiro (Zé Bento) | 15. Luzia Maria da Conceição      |
| 6. Cecília Maria da Conceição     | 16. Inácia Maria da Conceição     |
| 7. Manoel Saturnino Bento         | 17. Francilina Maria da Conceição |
| 8. Paulino José Bento             | 18. Joaquina Maria da Conceição   |
| 9. Francisco Bento                | 19. Antonia Maria da Conceição    |
| 10. Joaquim Bento de Maria        |                                   |

Todas as famílias e pessoas que são reconhecidas, no Bairro São Sebastião, como sendo do Talhado estão inseridas nessa lógica de descendência e de parentesco. Para exemplificar essas argumentações, o diagrama abaixo demonstra a ascendência de duas pessoas até chegar ao casal Zé Bento e Cecília. O mesmo pode ser feito com todos aqueles que estão inseridos na categoria “descendente do Talhado”.

Tendo como referência o diagrama acima, destacamos que, se fosse esboçado aqui o diagrama de parentescos referente a Paulino José Bento (filho de Zé Bento), veríamos que Maria Baubina (7) é sua filha, e Zefa Bizoco (9), neta.

Diante dos laços de parentesco, entendemos o porquê de os descendentes do Talhado que moram no Bairro São Sebastião não se pensarem como pertencentes a essa localidade, pois suas raízes estão na Serra do Talhado. Independentemente do bairro onde se reside, seja o São José, o Frei Damião, o Nossa Senhora de Fátima ou o São Sebastião, as formas de se pensar como ‘do Talhado’ são as mesmas, assim como os elementos de ligação e as fronteiras étnicas também. Assim, os limites geográficos não modificam o se reconhecer do Talhado.

**Figura2:** Diagrama de Parentesco dos descendente de Zé Bento



- |  |   |
|--|---|
| 1. José Bento Carneiro (Zé Bento)                | 9. Josefa M <sup>a</sup> da Conceição (Zefa Bizoco) |
| 2. Cecília Maria da Conceição                    | 10. Paulino Carneiro                                |
| 3. Manoel Saturnino                              | 11. Adelina Camila da Conceição                     |
| 4. Maria José                                    | 12. Emanuel   |
| 5. Joaquina M <sup>a</sup> da Conceição (Bizoco) | 13. Regina  |
| 6. Manoel Saturnino Carneiro (Zé Tambor)         | 14. Carlos  |
| 7. Maria Baubina (M <sup>a</sup> Tambor)         | 15. Dona Ângela                                     |
| 8. Sebastião Bizoco                              |   |

Um grupo quilombola e a busca por reconhecimento

A Fundação Cultural Palmares (FCP) é uma entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura que foi constituída a partir da Lei n° 7.668/1988, que lhe confere a tarefa de “promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira”. Para tanto, uma de suas ações é identificar e emitir certidões de autorreconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo<sup>6</sup>.

De acordo com a FCP, pautada na portaria 98, de 26 de novembro de 2007,

para obter a Certificação, é necessário que a comunidade envie para a Fundação Palmares a Solicitação de Reconhecimento como Comunidade Remanescente de Quilombo, juntamente com o relato histórico com fotos, reportagens e estudos que tratem da história do grupo ou de suas manifestações culturais. Além disso, é necessário o envio da ata de reunião ou assembleia, na qual os membros da comunidade aprovam, por maioria, o pedido de reconhecimento. Após o recebimento da documentação na Fundação Palmares, é encaminhada a abertura de processo para posterior análise técnica. Se a documentação estiver correta, o próximo passo é a visita técnica de um membro da Fundação que fará reunião com a comunidade para sanar possíveis dúvidas, conhecer a realidade da comunidade e elaborar relatório. Concluída essa etapa, é encaminhada a publicação do ato de reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, no Diário Oficial da União. Caso a documentação não esteja completa, a comunidade é informada quanto à pendência.

<sup>6</sup> A Certidão de Autorreconhecimento confere às comunidades quilombolas direitos específicos que lhes permitem participar de benefícios propiciados pelas políticas públicas de afirmação e de bem-estar social, bem como o direito a posse do território que ocupam.

Na Paraíba, existem 36 comunidades certificadas pela FCP como remanescentes de quilombos. Dentre elas, a FCP certificou, na cidade de Santa Luzia, duas comunidades: a Comunidade de Quilombo Serra do Talhado (localizada na área rural de Santa Luzia-PB), em 2004, e a Comunidade Urbana de Serra do Talhado<sup>7</sup> (localizada no bairro São José, na zona urbana de Santa Luzia-PB), em 2005. As certidões emitidas pela FCP que reconheceram a Serra do Talhado e a Comunidade Urbana de Serra do Talhado como remanescentes de quilombos certificaram seus moradores como quilombolas. Então, depois da emissão dessas duas certidões, no universo dos atores envolvidos, apreende-se que ser quilombola significa estar registrado em uma dessas comunidades.

Tanto é assim que nem todos os que se pensam como originários da Serra do Talhado foram reconhecidos pela FCP como quilombolas. Por não estarem morando, na época da certificação, na Serra do Talhado nem no Bairro São José, os moradores do Bairro São Sebastião que compartilham o pertencimento ao Talhado foram excluídos da categoria de quilombolas e, conseqüentemente, dos direitos exclusivos das comunidades de quilombo. Surge, então, entre os moradores do Bairro São Sebastião a seguinte questão: Se pertencemos a Serra do Talhado, por que não somos reconhecidos pelo Estado enquanto quilombolas?

De acordo com o nosso estudo, o grupo, no Monte São Sebastião, não possui a Certidão de Remanescente das Comunidades de Quilombo porque os órgãos do Estado que regulam tais processos ainda não foram acionados, ou seja, o Estado não conhece a existência do grupo e de sua especificidade. Para preencher essa lacuna, o grupo, em articulação com mediadores como a AACADE<sup>8</sup> e o ProPac<sup>9</sup>, organiza as ferramentas necessárias à reivindicação da Certidão da Comunidade Quilombola Serra do Talhado do Bairro São Sebastião e a implementação de políticas públicas destinadas às comunidades de quilombo<sup>10</sup>.

Esse processo de reivindicação do reconhecimento pela legitimidade da identidade quilombola do grupo é pautado nos elos de origem e de parentesco que os ligam à Serra do Talhado. Além de compartilhar o pertencimento ao Talhado, o grupo de descendentes no Monte São Sebastião compartilha as histórias de vida presentes nas

---

<sup>7</sup> A Comunidade Urbana de Serra do Talhado foi certificada como comunidade remanescente de quilombo mediante a história de vida de moradores do Bairro São José que se reconhecem como oriundos da Serra do Talhado.

<sup>8</sup> Associação de Apoio aos Assentamentos e às Comunidades Afrodescendentes

<sup>9</sup> Programa de Promoção de Ação Comunitária da Diocese de Patos

<sup>10</sup> Para uma descrição mais detalhada sobre as ações e as articulações do grupo na reivindicação do reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo, consultar ARAÚJO, Eulália Bezerra. Tornando-se quilombola no Monte São Sebastião (Santa Luzia/PB): etnografando as discussões sobre a origem e a questão dos direitos no idioma do parentesco. Dissertação de Mestrado. PPGCS – UFCG, Campina Grande 2012. Para discutir sobre a atuação de mediadores, consultar ARAÚJO, Eulália Bezerra. Grilo: um exercício antropológico sobre o processo de emergência de uma comunidade quilombola na Paraíba. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Campina Grande/PB: UFCG-CH, 2008; ARAÚJO, Eulália Bezerra; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. Quilombos na Paraíba: notas sobre a emergência de uma comunidade quilombola. In: ARIÚS, Revista de Ciências Humanas e Artes. v. 14, n. 1/2 (jan./dez. 2008). Campina Grande: EDUFPG, 2008.

histórias do Talhado e as de seus avôs/avós, pais/mães, tios/tias e irmãos/irmãs na constante busca por sobrevivência.

Mesmo estando na cidade, partilhando o ambiente, o cotidiano, as concepções e as práticas do universo urbano, os descendentes do Talhado no Monte São Sebastião se reconhecem e são reconhecidos por todos os elementos e as fronteiras étnicas que a Serra do Talhado produziu. Essas fronteiras étnicas demarcam quem pertence e quem não pertence ao Talhado, e no advento da emergência e do reconhecimento de uma comunidade quilombola, demarca quem pode e quem não pode participar do quilombo e pertencer a ele. Assim, a composição da comunidade quilombola perpassa a lógica da autodenominação e da identidade étnica.

Diante da situação desse grupo, apresenta-se a ideia de que as comunidades quilombolas podem se reorganizar fora do seu lugar de origem, e o Monte São Sebastião não é a Serra do Talhado, em concepções territoriais. Porém, para alguns moradores desse bairro, pensar-se como oriundo do Talhado é a categoria predominante no exercício da autodenominação.

O grupo descendente do Talhado no Monte São Sebastião agora se pensa também como um grupo de direito, assume uma nova posição política e, ao identificar que seus direitos não são respeitados, organizam-se em uma comunidade política para reivindicar o cumprimento da lei. Como caracteriza Weber, o sentimento de pertencimento a um grupo étnico – “comunhão étnica” – fomenta relações comunitárias, inclusive as políticas, e sobre outro ponto, a comunidade política, isto é, a necessidade de se organizar para ação, em decorrência da conquista de algum objetivo, também desperta “a crença na comunhão étnica” ou, em alguns casos, reforça-a.

A comunhão étnica (no sentido que damos) não constitui, em si mesmo, uma comunidade, mas apenas um elemento que facilita relações comunitárias. Fomenta relações comunitárias de natureza mais diversa, mas, sobretudo, conforme ensina a experiência, as políticas. Por outro lado, é a comunidade política que costuma despertar, em primeiro lugar, por toda parte, (...), a crença na comunhão étnica, sobrevivendo esta geralmente à decadência daquela (...). (WEBER, 2004, p. 270)

Tendo como referência os ensinamentos de Weber, compreende-se que uma comunidade étnica, quando posta em determinadas circunstâncias, seja de conflito, de aspiração ou de projetos, organiza-se em uma comunidade para agir.

Em virtude da composição e das atuais articulações políticas dos descendentes do Talhado no Monte São Sebastião, o anseio de que sua situação seja reconhecida pelo Estado impulsiona o grupo para ações visando garantir seus direitos e sua cidadania.

### **Considerações para concluir**

O presente trabalho teve o objetivo de apresentar a constituição de um grupo de descendentes da Serra do Talhado, no Monte São Sebastião, e discorrer sobre sua caracterização como comunidade remanescente de quilombo.



As ideias de quilombo disseminadas como um lugar de refúgio, de incursões policiais, de lutas e de isolamento – ou seja, o modelo do quilombo de Palmares – precisa ser repensado, pois vincular a aceitação de uma comunidade quilombola ao modelo de Palmares acarreta em negligenciar a especificidade de cada comunidade de quilombo na luta pela sobrevivência e pela autonomia e impede a observação do dinamismo e da complexidade social presentes em sua construção e reprodução.

O termo quilombo aparece como conceito jurídico-formal na Constituição Federal de 1988, através do Artigo 68 do ADCT: “*Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos*”.

Para fugir das armadilhas jurídicas, Almeida (2002) propõe que, para se definir o termo quilombo, é preciso compreender as particularidades das realidades investigadas, isto é, compreender a história, as representações e as relações sociais das comunidades. A ideia é de trazer as representações dos agentes sociais envolvidos e observar como eles constroem o que hoje se configura como um quilombo.

A crescente demanda de comunidades de quilombo pelo reconhecimento de sua identidade quilombola e demarcação de seu território<sup>11</sup> desperta a necessidade de criticar os conceitos vigentes e repensar a utilização das antigas definições de quilombo, observando até que ponto elas são categorias analíticas aplicáveis à pluralidade de realidades que hoje encontramos.

Assim, objetivamos demonstrar a história e a especificidade do grupo de descendentes do Talhado no Monte São Sebastião que, mesmo se constituindo nos perímetros da cidade, continua compartilhando o pertencimento à Serra do Talhado e a partir dele se autodenominado. Assim, por se pensarem como originários da Serra do Talhado, reivindicam o reconhecimento de sua identidade quilombola.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. In: O`DWYER, E. C. (org.), *Quilombos, identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ARAÚJO, Eulália Bezerra. *Grilo: um exercício antropológico sobre o processo de emergência de uma comunidade quilombola na Paraíba*. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Campina Grande/PB: UFCG-CH, 2008.

\_\_\_\_\_. *Tornando-se quilombola no Monte São Sebastião (Santa Luzia/PB): etnografando as discussões sobre a origem e a questão dos direitos no idioma do parentesco*. Dissertação de Mestrado. PPGCS – UFCG, Campina Grande 2012.

---

<sup>11</sup> O Decreto 4.887 de 2003, ao regular a aplicabilidade do artigo 68 do ADCT, declara os procedimentos administrativos que devem ser adotados no reconhecimento, na identificação, na delimitação e na regularização do território quilombola, e transfere a competência da regularização do território quilombola da FCP ao INCRA.

ARAÚJO, Eulália Bezerra; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. Quilombos na Paraíba: notas sobre a emergência de uma comunidade quilombola. In: ARIÚS, Revista de Ciências Humanas e Artes. v. 14, n. 1/2 (jan./dez. 2008). Campina Grande: EDUFCG, 2008.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, Tomke (org). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução de Jonh Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 5 de outubro de 1988.

BRASIL, Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regula o artigo 68 do ADCT,

BRASIL, Lei nº 7.668 de 22 de agosto de 1988.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. *Talhado: um estudo de organização social e política*. Dissertação de Mestrado apresentada à UFRJ em 1975.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, portaria 98, de 26 de novembro de 2007.

NORONHA, Linduarte. *Aruada*. Documentário Brasileiro. Comunidade Talhado – Santa Luzia – PB. Produção: Instituto Joaquim Nabuco e Pesquisas Sociais – PE. 1960.

SANTOS, José Vandilo dos. *Negros do Talhado: estudo sobre a identidade étnica de uma comunidade rural*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Sociologia Rural. Campina Grande/PB: UFPB, 1998.

WEBER, Max. “Relações comunitárias étnicas”.. In: *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. v. I. Trad. R. Barbosa e K. E. Barbosa. 4ª ed. (1ª Ed. 1922) Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2004, pp. 267-277.